

A MATA

Persiste no negro cubano, com assombrosa tenacidade, a crença na espiritualidade da mata. Nas matas e matagais de Cuba habitam, como nas selvas da África, as mesmas divindades ancestrais, os espíritos poderosos que, ainda hoje, a exemplo do que acontecia nos dias do tráfico, o negro mais teme e venera, e de cuja hostilidade ou benevolência continuam dependendo seus êxitos ou fracassos.

O negro que adentra o matagal, que penetra fundo no "coração da mata", não duvida do contato direto que estabelece com forças sobrenaturais que ali, em seus próprios domínios, o rodeiam. Qualquer espaço da mata, pela presença invisível ou às vezes visível de deuses e espíritos, é considerado sagrado. "A mata é sagrada" porque nela residem, "vivem" as divindades. "Os santos estão mais na mata do que no céu."

Geradora da vida, "somos filhos da mata porque à vida começou ali; os santos nascem da mata e nossa religião também nasce da mata", diz-me meu velho raizeiro Sandoval, descendente de egbados. "Tudo se encontra na mata" – os fundamentos do cosmos – "e tudo tem de se pedir à mata, que tudo nos dá" (nestas explicações e outras semelhantes – "a vida saiu da mata", "somos filhos da mata" etc. –, para eles a mata equivale à terra, segundo um conceito de mãe universal, fonte da vida. "Terra e mata é o mesmo").

"Lá estão os orixás Eleguá, Ogum, Oxóssi, Ocô, Aiê, Xangô, Ajagunã. E os egum (os mortos) *elêko, ikus, ibbayés*"... – Está cheio de defuntos! Os mortos vão para o matagal."

"Na mata encontram-se todos os Exus", entidades diabólicas: os *iwí*, "os *adadalin*, e *aradé*"; o Coisa-Ruim, *Iyónó*", espíritos obscuros maléficos, "que têm más intenções"; "toda a gente estranha do outro mundo, fantasmagórica e horrível se vê". Também animais do outro mundo, "como Keneno, Kiama ou Kololo, Aroni – que Deus nos livre!". O clarividente, solitário no matagal emaranhado, percebe as formas estrambóticas e impressionantes que, para o olho humano, assumem às vezes estas fantásticas aparições e demônios silvestres que o negro sente espiritar em meio à vegetação. "Eu vi, juro por minha alma", confidencia-me meu querido mestre José de Galazán Herrera, "a cabeça de um negão peludo como uma aranha; seus pés saíam das orelhas e, só com uma pata, trepava num ramo". Não coloquemos em dúvida a aterrorizante realidade desta cabeça entrevista em alguma brenha, formada no mistério da penumbra e do medo, nem de outras visões suas, produto de alguma ilusão, que para um negro crente logo se converte em realidade, como tudo aquilo que sonha e imagina. A mentira que, tão amiúde, devemos perder de vista para não duvidarmos invariavelmente de sua sinceridade e para melhor o compreendermos – impõe-se finalmente a seu ânimo, com o convencimento de uma experiência verdadeira. Basta que relate algumas vezes o conto fabuloso que inventa como... poeta para que se transforme insensivelmente aquele registrado em sua consciência como algo que lhe aconteceu de verdade. Embora a facilidade de autopersuasão – ainda que não tão exagerada – não seja, a rigor, privativa somente do negro, ela nos explica muitas particularidades de sua alma, de sua grande emotividade religiosa, de sua credulidade e, sem dúvida, a influência persistente, incalculável, que o feiticeiro e a magia exercem continuamente em sua vida.

Domínio natural dos espíritos, muitos dos quais foram vistos "com seus próprios olhos e muito abertos" por alguns de meus informantes mais sérios e confiantes, velhos e jovens, a mata é, logicamente, um lugar perigoso para os que nela se aventuram sem tomar precauções. Toda coisa aparentemente natural excede os limites enganosos da natureza, tudo é sobrenatural. É verdade que costumamos notar aquilo de que nos esquecemos com a idade. São os brancos da memória, a maloria dos espíritos, alguns temíveis, que se alojam e se apossam da mata, nas

celbas e *jagüeyes*, são como todas as divindades, ora malévolas, ora benévolas, suscetíveis ao extremo. Acrescentarei, com a aprovação de meus instrutores, que todas elas são extremamente interessetas. Torna-se indispensável conhecer suas exigências, proceder de acordo com a regra estabelecida pelos próprios espíritos ("a mata tem sua lei") e pelos avós africanos que ensinaram e iniciaram os velhos *criollos*¹. Para que a mata seja propícia ao homem e o ajude em seus pedidos, é mister "saber entrar na mata". Cedo a palavra a Gabino Sandoval, que faz questão de explicar tudo "com clareza de entendimento" e sabe escolher bem seus exemplos:

"Imagine que Eggo, a mata, seja como um templo. O branco vai à igreja para pedir aquilo que não tem ou para pedir a Jesus Cristo e à Virgem Maria ou a qualquer outro membro da família celestial que conserve aquilo que ele possui ou que o fortaleça. Vai à casa de Deus para atender suas necessidades... porque, sem a ajuda de Deus, o que pode um homem? Nós, os negros, vamos à mata como se fossemos a uma igreja, porque ela está cheia de santos e de defuntos, e lhe pedimos o que nos faz falta para nossa saúde e nossos negócios. Pois muito bem: se em casa alheia é preciso ser respeitoso, na casa dos santos não seremos mais respeitosos? O branco não entra na igreja como alguém que entra à vontade em sua casa... Que pensará o Santíssimo se você ficar de costas ao altar, quando vai pedir-lhe que lhe dê saúde, que o ajude, que lhe dê isto ou aquilo? Jesus Cristo se ofende; se ouve, não presta atenção. Porque tudo tem seu jeito... e esse não seria o jeito de se dirigir a nenhum santo. Pois a mata é a mesma coisa e como ali também há santos e estão as almas e todos os espíritos, tampouco se entra sem respeito e compostura. E, com maior razão, quando se vai fazer algum pedido".

A mata encerra essencialmente tudo de que o negro necessita para sua magia, para a conservação de sua saúde e de seu bem-estar; tudo que lhe faz falta para defender-se de qualquer força adversa, proporcionando-lhe os elementos mais eficazes de proteção ou de ataque. Não obstante, para que consinta que dela se tome a planta ou o pau ou a pedra indispensáveis a seu objetivo, é preciso solicitar respeitosamente a permissão da mata e, sobretudo, que ela seja paga religiosamente com aguardente, fumo, dinheiro e, em certas ocasiões, com a efusão do sangue de um frango ou de um galo, o "direito" ou tributo que todos devem. "Um pau não faz a mata" e, dentro da mata cada árvore, cada mato, cada erva tem seu dono, com um sentido de propriedade perfeitamente definido.

1. Filho de europeu ou africano nascido na América (N. do E.).

sem cortesia, garante-marco, "a mata não dá uma folhinha, nem nada que tenha virtude". Não esqueçamos que nossos negros humanizam tudo: "Se não e saúde a mata, se não for paga, ela fica brava".

O ladrão mais ousado do povoado não se atreverá, num lugar descampado, a poderar-se de um bejuco² destinado a um feitiço sem um reverente "com licença" sem oferecer ao dono invisível e temido algumas moedas de cobre – e, se não as possui, alguns grãos equivalentes de milho, como é de preceito.

M. C., que vai com frequência ao matagal na lua nova, assim se dirige a ele antes de tudo saúde o Vento da Mata): "Tié tié lo masimene – Bom-dial Naliambo *tié tié*. Naliambo que yo mboba mpaka memi tu cuenda mensu cinansila yari-yari on Sambianpungo mi mboba cuna lembo Nsasi lumuna. Nguei tu cuenda. Cuenda ma- ondo, mboba nsimbo. Nsasi Lukasal Pa cuenda mpolo, matari Nsasi..."

Deus, dai-me licença. Em resumo, falando em congo, M. C. diz à mata: "Olha que te dou para que me permitas pegar aquilo de que necessito para um talismã e alguns pós, para levar uma pedra de Nsasi".

Sem esta reverência, ele sabe que aquilo que levanta "não teria essência". Alma. Árvores e plantas exercem um papel demasiado importante na religião e na vida mística dos negros de Cuba – e de todo o povo mestiço de Cuba – para que eles, conforme observa Catalino, "não sejam corretos para com a mata".

"Não existe santo" – orixá – "sem ewé", nem *nganga*, *nkiso* ou feitiço sem *vitihi* *blinda*. Árvores e plantas são seres dotados de alma, de inteligência e de vontade, como tudo aquilo que nasce, cresce e vive abaixo do sol, como toda manifestação da natureza, como toda coisa existente. Pelo menos assim acreditam, de pés juntos, meus numerosos confidentes.

"Este ano meu *marpacífico*³ não se empenhou em dar-me sequer uma flor! e modo algum! Está me castigando, mas vamos ver como se resolve", queixa-se para mim uma mulher. "É que quando os vizinhos me pediram que lhes dessem algumas folhas, sem pensar eu as dei e o *marpacífico* não gosta disso. Quer que lhe aguem. É justo. A senhora sabe que não se deve dar grátis folhas de *marpacífico*, em de paraíso⁴."

Lianas. Plantas trepadeiras, que se enroscam nas árvores de grande porte (N. do T.). Em sua obra *El Faldor Médico de Cuba* (Havana, Editorial de Ciencias Sociales, 1987), José Seoane

Gallo indica que o *marpacífico* (*Hibiscus rosa-sinensis*, L.) é empregado, na fitoterapia popular cubana, nas afecções do coração e da garganta (N. do T.).

Árvore de origem oriental aclimatada e cultivada nas Américas. *Melia azadirach*, L. (N. do T.).

Quando uma árvore não é precisamente a morada ou "trono" de uma divindade, ela possui as virtudes que lhe confere a divindade a que pertence. Tem seu "axé", sua graça. A tradição popular cristã, que acumula toda uma velha tradição anterior e universal, também muito sabe de ervas e árvores milagrosas. Algumas plantas, porque nasceram no Calvário, porque curaram as chagas de Nosso Senhor ou foram semeadas pela própria Virgem, receberam suas propriedades benéficas dessas mãos divinas. Em outras também, como em tudo, andou metido o diabo.

Devido às faculdades curativas, devido ao poder mágico que atribui às árvores e às plantas, o negro não pode prescindir, quase diariamente, de utilizá-las e de invocar a proteção dos espíritos ou forças que nelas se fixam. De *ewé* ou de *vitihi* *ngunda* ele se valerá em todos os momentos de sua vida. A magia é a grande preocupação de nossos negros, e a obtenção, o domínio de forças ocultas e poderosas que lhe obedecem cegamente não deixaram de ser seu grande anseio.

Nossos negros são bruxos, muitas vezes no sentido individual que a magia ortodoxa reprova, teme e condena, e cujas práticas e ritos se encaminham para obter o bem da comunidade.

É bruxo em proveito pessoal ou em detrimento do próximo, se a ocasião se apresenta. É bruxo forçosamente, em defesa própria... "É muito perigoso viver aqui sem um resguardo. Ail Cuba é tão bruxal". Diante de qualquer acidente natural, ao primeiro contratempo que surge em suas vidas, aparentemente inexplicável ou... facilmente explicável, ele continua reagindo com a mesma mentalidade primitiva de seus antepassados em um meio, como o nosso, impregnado de magia até o imaginável, apesar da escola pública, da universidade ou de um catolicismo que ele acomoda perfeitamente a suas crenças e que, no fundo, não alterou as ideias religiosas da maioria ("Jesus não nasceu na mata, sobre um monte de ervas", diz C., "e para ir ao céu e ser Deus não morreu em um monte", o Monte Calvário? Sempre andava metido nas matas. Era raizeiro!").

Sem variar os padrões africanos de defesa – ou de ataque –, o negro dispõe, para a luta contra as bruxarias incessantes dos demais, de toda uma técnica preventiva, com um número incontável de fórmulas, de amuletos, de contrafeitiços, de "trabalhos", *nsalangá* e de "ebós", cuja virtude secreta deriva de uma árvore,

5. Em espanhol, outra acepção para o vocábulo *monte* é terreno sem cultivar, com matagais e arbustos (*Gran Diccionario de la Lengua Española*, 1996, p. 1326) (N. do T.).

e uma hama ou de uma erva. Com *ewé*, conforme os descendentes dos lucumis-torubás denominam as ervas e plantas, ou *vithi nfinnda*, denominação dada pelos descendentes dos congos – e aqui o termo compreende troncos, folhas e raízes –, livia-se uma simples dor de estômago ou cura-se uma chaga maligna. Sobre tudo, por meio de *ewé* e “seu segredo”, por meio de *vithi*, consegue-se o efeito sobrenatural, pois, ao contar tão somente com suas pobres forças, isto é, sem o recurso a magia e dos deuses e espíritos, o negro bem sabe que jamais poderia triunfar. Com *ewé* ou *vithi nfinnda* “desmancha-se” um malefício, purifica-se, “limpa-se” um indivíduo de toda mácula de bruxaria, conjujura-se a má influência, “fecha-se a passagem ao mal”, afasta-se uma desgraça da casa – uma desgraça ou uma pessoa infortunada –, neutraliza-se a má ação de um inimigo e, o que é mais prático e satisfatório, despacha-se esse indivíduo para o outro mundo.

Árvores e ervas, no campo da magia ou no da medicina popular, inseparável da magia, respondem a qualquer solicitação. As plantas são consideradas agentes reciosos da saúde e da sorte e não é de estranhar que nossos negros – e talvez tivéssemos dizer nosso povo, que na maioria é mestiço física e espiritualmente – possam regularmente um grande conhecimento das virtudes que atribui aos poderes mágicos de que essas mesmas plantas são dotadas: “Curam porque elas mesmas são bruxas.”

É importante curar-se de uma doença, porém muito mais é livrar-se de uma sombra má, de uma influência maléfica, de um *malembo* ou de um *ñeque*, que é o que costuma produzir a enfermidade.

Toda enfermidade tem seu anfidoto ou preventivo em algum pau ou erva e, é certo, na intervenção de outro espírito mais forte que atuará, combaterá e vencerá espírito contrário que produziu o mal.

Um “pau” – *musi* ou *inkunia nfinnda* –, um espírito nos ataca e o bruxo nos defende com outro espírito. Eles causam um bem ou um mal, segundo a intenção que quem os corta e utiliza.

O rito, a palavra, a culminação mágica, em breve determinam seu efeito. Para o existirem dois caminhos: o bom e o mau. “Segue-se àquele que se quer”. “O mau faz aquilo que o mandam fazer.”

Seja dito, em honra da verdade, que no campo e na própria Havana as farmácias não puderam estabelecer uma competição decisiva com a farmácia natural, e todos têm ao alcance da mão no matagal mais próximo, com os nomes pitorescos, às vezes obscenos, das ervas mais vulgares. O bicarbonato não goza de maior

prestígio que o cozimento do manjericao⁶ de Ogun ou do oreghano de Obatara; e para o menor achaque físico ou contratempo, para clarear a estrela de um destino que se enevoa, qualquer mulher branca da “terra”, sem que seja necessariamente ialorixá – sacerdotisa –, nos indicará uma série de ervas que lhe inspiram mais confiança do que os remédios do farmacêutico, sobre os quais não atua, como o faz sobre as plantas, um poder espiritual, bem como aquelas ervas que, segundo a fé ou a experiência da fé do povo, combatem melhor a má sorte, o “feticço”.

Em cada erva opera a virtude de um “santo”, uma força sobrenatural. “Os remédios estão vivos na mata”, diz-me um velho, a quem não consegui que deixasse tratar o reumatismo que o médico prometia aliviar, “eu conheço a erva. Sei qual a que me convém e irei buscá-la. Leve seu médico ao matagal para ver se ele sabe o que ele tem de arrancar para acabar com um catarro. Curo meus achaques com ervas e não com picadas de injeção”. “O médico”, insiste um outro, “nunca está com a verdade”. O que cura é a fórmula mágica. A do *ngánngántare* ou *ngánngula*. A do *agguigguí*, a do *awó* ou babalô. E, no negro da capital, apesar de sua inegável adaptabilidade a um progresso material que aqui, como em nenhuma outra parte, costumamos confundir orgulhosamente com a cultura, nesse negro, situado no mesmo pé de igualdade com o branco, desfrutando em todos os planos os benefícios da civilização, o atavismo africano não é menos forte e irreduzível do que no negro do campo, no homem toseco e retrógrado. A raiz plantada em inícios do século XVI mantém-se firme e vigorosa: e embora definitivamente rompida, na segunda metade do século XIX, toda comunicação direta com a África, nossos negros, em espírito, não deixaram de ser menos africanos. Não puderam renunciar às suas crenças nem esquecer os ensinamentos secretos de seus maiores. Prosseguem fielmente com suas velhas práticas mágicas e para tudo continuam recorrendo à mata, dirigindo-se às primitivas divindades naturais que seus antepassados adoraram e lhes legaram vivas, alojadas nas pedras, nos búzios ou em troncos e raízes, e com as quais, como esses mesmos antepassados, continuam dialogando em africano, em iorubá, em ewe ou em banto. O cidadão, que sabe ler e escrever, ouve rádio e passa muitas de suas noites no cinema, faz sacrifícios a seu feticço, “a sua prenda”, do mesmo modo que o rústico e analfabeto, que ainda ilumina sua choça com

6. Para maiores informações sobre ervas, consultar a segunda parte desta obra de Lydia Cabrera, que abrange a botânica sagrada: “A Mata de A a Z”. Ali se estabelecerá, sempre que possível, a correspondência da botânica de Cuba com a do Brasil (N. do T.).

magia ou à curanderia, é considerado depositário da tradição mais pura e rigorosa, precisamente porque não saiu do mato e conserva os "segredos" dos velhos de nação, goza de todo o respeito do *habanero*⁷ que vai consultá-lo quando está em puros ou, sendo palero, para impor sua autoridade, muito se gabará de ter sido algum dia seu discípulo ou confidante.

Da mesma forma que acontece nos cortiços e nas casas luxuosas de Havana, o deus Elleguá, representado por uma pedra talhada como um rosto, untada com manteiga de *corajo*, continuará a vigiar com seus olhos de búzios, dissimulado atrás de uma lamparina, junto às portas dos lares negros, dos lares mulatos, misteio com o fato de que pelo menos uma vez por mês se lhe dê de beber o sangue de um frango – isso quando não pede, de vez em quando, que matem para ele um *fré*, rato de grande porte, ou uma *juíta*⁸ (*cutú* em iorubá) – no mesmo aposento em que se lê, numa grande litografia do Sagrado Coração de Jesus, suspenso em um lugar de destaque: "Deus abençoe esta casa". É um sincretismo religioso, de que nem sempre se esquevia o branco, reflexo de um sincretismo social que não há de causar espanto a ninguém que conheça Cuba e que, há mais de quarenta anos, quando Ortiz analisou em seu livro *Negros Brujos*: Sempre os santos católicos onviveram em Cuba na melhor harmonia e intimidade – e hoje francamente – com os "santos" africanos, do mesmo modo que, outrora, as receitas dos médicos e, tualmente, a penicilina e as vitaminas alternam-se com as ervas consagradas dos curandeiros-feiticeiros. Ao fim e ao cabo, conforme dizia a falecida Calixta Morales, que conhecia seu catecismo de memória e foi uma das ialorixás mais honráveis de Havana: "Os santos são os mesmos aqui e na África. Os mesmos, com nomes distintos. A única diferença é que os nossos comem muito e têm que dançar e os de vocês se conformam com incenso e óleo e não dançam". Quanto aos remédios... é botânica disfarçada" – pau e ervas – "e, na mata, todas elas estão vivinhas".

Enfim, quase sempre de acordo com o que diga Ifá ou dilogun, o *viti mensi* ou *nkala*, espelho do mayombero; ou o "ser" que se manifesta por algum médium spirita consultado, ou quando não resta mais remédio, o negro acode aos hospitais. Em algumas ocasiões vangloria-se de ter sido operado – a cicatriz deixada por uma

Natural da cidade de Havana (N. do T.).

Pequeno roedor, *Capromys pilorides* (Say) e *C. Prehensilis*, Poeppig. Emprega-se no tratamento da asma e de tumores (Seoane Gallo, *op. cit.* pp. 6, 8 e 884) (N. do T.).

operação se exibe com certa valdade, tem algo de distintivo ou de sagrado, é como um *eye*, uma tatuagem – e ele recebe os remédios do ambulatório, até mesmo os paga com gosto, se são caros. E, sendo caros, os toma com mais fé, mas, em seu foro íntimo, confia muito mais na graça de *ewé* ou de *kongue*, na receita mágica de um santero⁹, que uma divindade ditou e que se acrescenta à do facultativo. Ele jamais deixa de ser de todo e entranhadamente "um filho da Mãe Selva", da mata misteriosa que, saturada de poderosos eflúvios, recinto de forças sagradas, sempre desperta em seu ânimo um sentimento atávico, mescla de euforia e de profundo e temeroso misticismismo. No entanto o remédio santo, a salvação providencial, indistintamente ainda está na mata: no *iléigigí*, *igbó*, *yukó*, *obóyuro*, *ngüei*, *ardaco*, *eggó* ou *ninfele*, como a chamam os descendentes dos lucumis; *musito*, *miangu*, *dituto*, *ngünda*, *finnda*, *kunfinnda* ou *anabutu*, segundo os descendentes dos congos; porque as árvores, *iki*, *nkuni*, *musi*, são moradas de orixás, de *mpúnigus* e de espíritos – *ngangas*. Sobre as ervas impregnadas de virtudes arcanas e essenciais, atuam influências das divindades ou as próprias divindades em pessoa, "que governam o mundo" e o destino de cada homem.

9. Sacerdote que pratica a santeria, designação genérica das religiões afro-cubanas (N. do T.).

edusp
50
ANOS

USP

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor

João Grandino Rodas

Vice-reitor

Hélio Nogueira da Cruz

edusp

EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Diretor-presidente

Plínio Martins Filho

COMISSÃO EDITORIAL

Presidente

Rubens Ricupero

Vice-presidente

Carlos Alberto Barbosa Dantas

Antonio Pentecado Mendonça

Chester Luiz Galvão Cesar

Ivan Gilberto Sandoval Falleiros

Mary Macedo de Camargo Neves Later

Sedi Hirano

Editor-assistente

Bruno Tenan

Chefe Ttc. Div. Editorial

Cristiane Silvestrin

Lydia Cabrera

A MATTA

NOTAS SOBRE AS RELIGIÕES, A MAGIA, AS SUPERSTIÇÕES E
O FOLCLORE DOS NEGROS CRIOLLOS E O POVO DE CUBA

Tradução

Carlos Eugênio Marcondes de Moura

edusp